

PIQUETE MUNDIAL

O famoso trio das «Quatro Irmãs Pindeias» um dos mais modernos e afinados conjuntos da actualidade pela originalidade com que cantam encostadas a um barrote. Agradecemos os cumprimentos que nos foram endereçados desejando-lhes muitos êxitos e muitos barrotes.



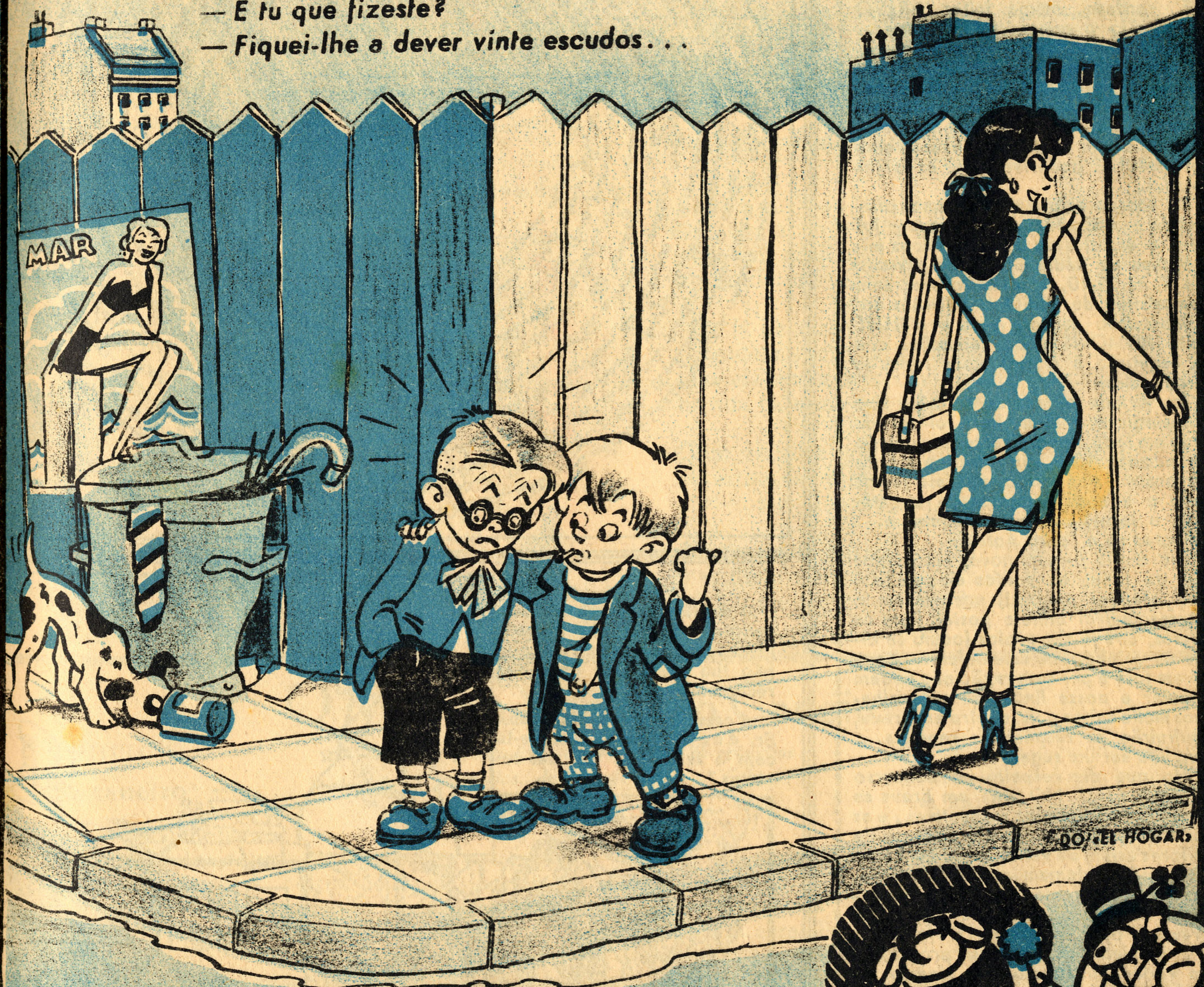
Director (interino) e Proprietário: JERONIMO PINTEUS DE SOUSA

Editor: FRANCISCO AMARAL DUARTE

Redactor principal: FERNANDO DOS SANTOS (S. F.)

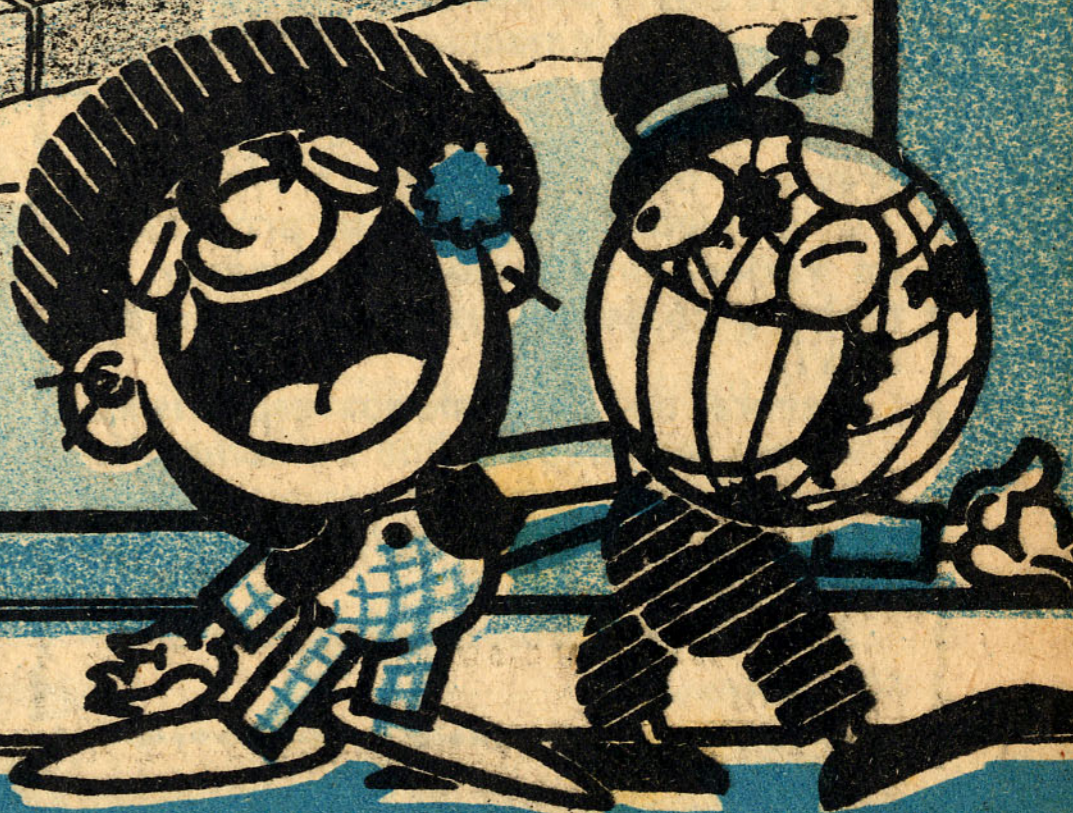
1 \$

— Aquela pequena disse-me que, se lhe desse duas «coroas», me dava um beijo!
— E tu que fizeste?
— Fiquei-lhe a dever vinte escudos...



DO 'EL HOGAR'

FALÊNCIA...





Pum!...
Pum!...
Pum!...

«RISO MUNDIAL» já não está a némico, nem padece do fígado! Reparem-se o seu aspecto não é o duma pessoa que gosa de excelente saúde!

É verdade, amigo leitor, «RISO MUNDIAL» o semanário de todos... os que têm 1 escudo — e ainda daqueles que infelizmente, contraíram o mau hábito de ler à borla pelas tabacarias todos os jornais — vai de vento em pópe... Aqui ninguém se poupa a trabalhos nem a despesas, nem se olha para trás!... poderíamos ter as calças rotas...

De acordo com o que tínhamos prometido — emissões radiofónicas — foi para o ar, através dos simpáticos microfones de Rádio Graça, no passado dia 7 às 21,10, o primeiro programa humorístico de «RISO MUNDIAL» em colaboração estrita com o «CLUBE DOS HUMORISTAS» — emissões que se repetirão à mesma hora todas as terças-feiras.

Em virtude dumas certas coisas que nos surgiram à última hora foi-nos, de todo em todo, impossível ter anunciado no número 13 o dia exacto e a hora da nossa 1.ª emissão, por isso fomos para o ar assim... quase de repente, pois o jornal estava na máquina e... milagres só o Santo António.

Dia a dia surgem novos associados que de todos os pontos do país (e ó que grandes pontos!) nos enviam o imprescindível bilhete postal. Para os sócios, que já são sócios (como se dizia na celeberrima assembleia...) que vivem fora e por essa razão não podem escutar a nossa linda voz aconselhamos muita calma pois, dentro em breve, usufruirão as respectivas regalias... que vão ser um regalo!

No que diz respeito ao concurso «ESQUELETOS NO AR» em breve se anunciam os prémios respectivos; e as cadernetas requeridas por dezenas de leitores estarão à venda muito em breve quer onde costumam adquirir o «RISO», pelo correio — mediante o envio dos selos correspondentes — e, ainda, na Travessa de S. Pedro, N.º 9 r/c Esq.

E, qualquer dia, teremos programas de variedades, sessões de cinema, de teatro e conferências (ai, as conferências!)

Haverá de tudo menos espiritismo. Agora, estimado leitor ou estimadíssima leitora queira passar a vista por cima dos bonecos, voltar a página e... ler!

As nossas cordiais saudações e Sarago.

CARTA ABERTA

A UM «CHÓFER» DE PRAÇA

Esta carta, que os leitores estão vendo, foi escrita pela nossa correspondente em Alguidares de Cima, para o seu marido que é «chófer» de praça... em praça!

Como poderão observar, todas as missivas da Gertrudes são escritas em círculo para que seu marido não deixe de trabalhar enquanto lê a sua correspondência.

Meu querido... Não sei porque te foste embora... Quando arranjares um minuto para escreveres um frequetos, não consigas quando arranjares uns minutos para escreveres um frequetos, não consigas quando arranjares uns minutos para escreveres um frequetos... Não sei porque te foste embora... Quando arranjares um minuto para escreveres um frequetos, não consigas quando arranjares uns minutos para escreveres um frequetos... Não sei porque te foste embora... Quando arranjares um minuto para escreveres um frequetos, não consigas quando arranjares uns minutos para escreveres um frequetos...

Gertrudes



O médico à cozinheira despedida. — Estou tão descontente com o seu serviço, que não lhe posso dar uma boa recomendação.

A cozinheira: — Ao menos, Sr. doutor, pode escreve-la com a letra que usa nas receitas?

— Está lá? Ouça: esse extintor de incendios que eu não quiz comprar... se trouxer dentro de cinco minutos, talvez chegue a tempo de vender.

Salada de Pepino

Por Diógenes Pio

(Peça em 4 maus actos; as cenas passam-se em qualquer casa onde haja uma criada lá dentro e um patrão lá fora.)

I ACTO

Malaquias: (depois de bater à porta) O Sr. Anacleto está?

Criada: Não está!

Malaquias: Esperarei.

Criada: Mas o sr. Anacleto só deve chegar daqui a alguns meses!

Malaquias: Contudo, esperarei... com licença, posso sentar-me?... Ficava-lhe muito grato se me arranjasse o pequeno almoço!

II ACTO

(Alguns dias depois)

Criada: Vá, tome lá este caldinho... não diga que sou má...

Malaquias: Uma temporada aqui não é mau, lá isso não! Olhe, para o almoço arranje-me um peixe frito e uma salada de pepino...

Criada: (à parte) Mas este tipo julga que é o patrão!... assim a dar ordens...

III ACTO

(Algumas semanas depois. *Malaquias* continua a esperar pelo sr. Anacleto.)

Criada: Vá, meu Lulu... abra lá a boquinha. Que tal está a paparoca?

Malaquias: Ótimo!... Isto é melhor do que no Ritz! Já faço votos para

que o patrão se demore! Tenho que receber 5 contos duma canalização mas já não tenho pressa nenhuma!

Criada: Ai... Ai!!!

IV ACTO

(Meses depois, *Malaquias* ainda espera.)

Criada: Ai, como o tempo passa!...

Malaquias: (depois de cantar o "as the time goes by") E' verdade, querida! Onde é que puseste o miúdo?

N. do A.—Quando o patrão chegou, o miúdo já dizia: papá... mamã!...

Troca de cabeça

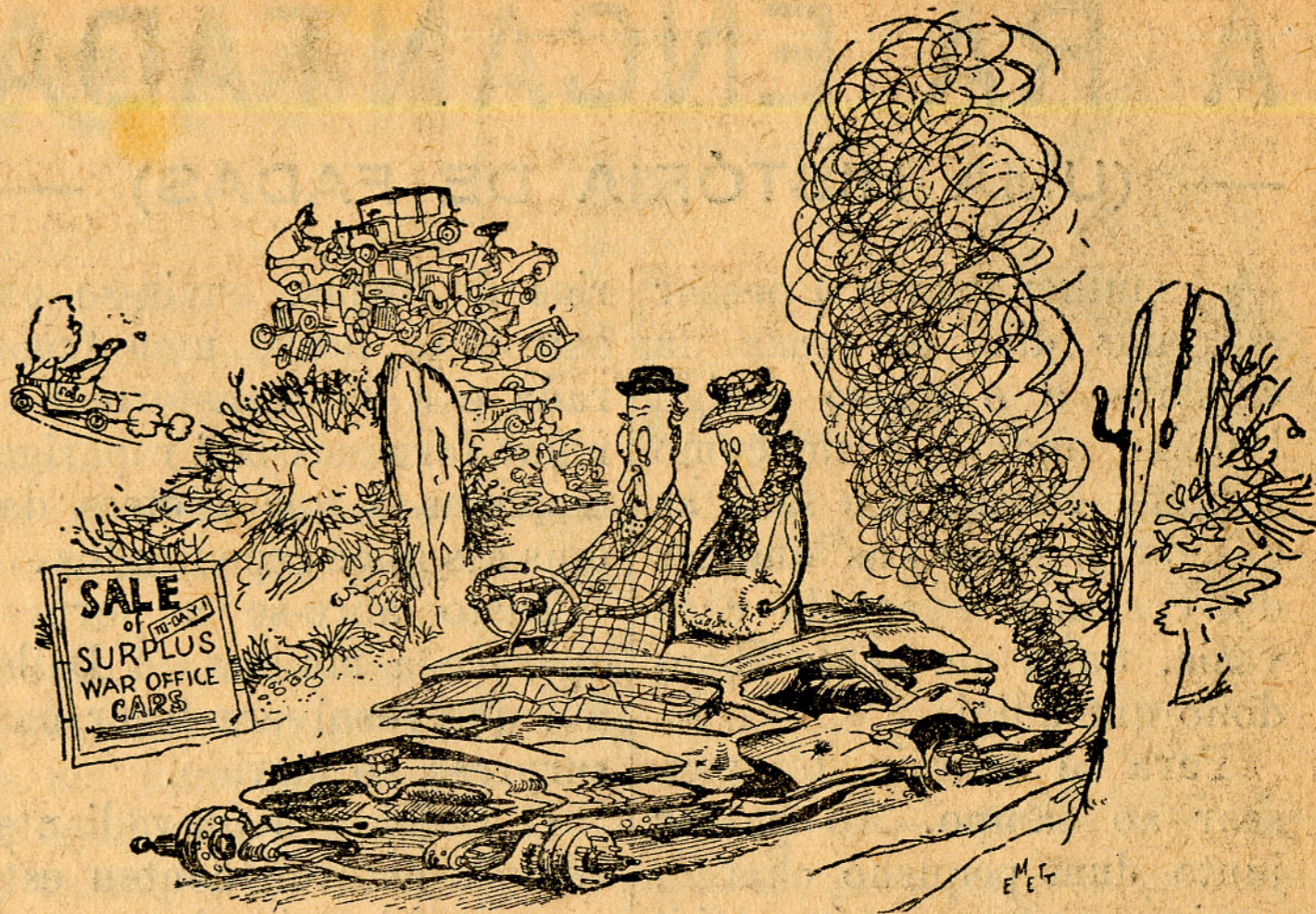
VIAJAVAM, em conjunto, um papo-sêco, um barbeiro e um calvo.

Quando chegou a noite combinaram que cada um velasse quatro horas enquanto os dois dormiam.

Tocou o primeiro quarto ao barbeiro que mal viu que os outros dormiam, deitou-se à cabeça do papo-sêco e ao de leve rapou-lha toda!

Passadas as quatro horas acordou-o. Este bocejou, espreguiçou-se e coçando a cabeça, achou-a lisa. Então, exclamou:

— Que bruto é o mestre barbeiro! Em vez de me acordar a mim, acordou o calvo!



— Oh filho, não achas que o pneu está um pouco vazio?

A Mercearia do Ventura

É escusado pedir desculpa a Antero!

Sonho que sou consumidor andante, por tendas, por talhos, por noite escura, paladino da Ração, busco ofegante a grande mercearia do Ventura.

Mas lá desmaio, exausto e vacilante; rasgada a senha já, sem dentadura, mas eis que avisto o vil comerciante, na sua riqueza e total negrura.

Com grandes golpes bato à porta e grito: eu estou esfomeado e aflito, abri-vos portas de pau, por Silva Pais!

Abrem-se as portas de pau, com fragor, mas dentro encontro só cheio de bolor, ratinhos e papeis — e nada mais!

EFE ACÉ

O Moinho à beira do Caneiro

(Adaptação do filme em 40 partes, 75 episódios e 10 intervalos, de George Brun of Corner)

Por Yo Soy Yo

CAPÍTULO VI

No caneiro

BICO d'Águia pulou para as cavalitas do seu guarda-costas e partiu à frente da comitiva.

Desta vez é que iam ajustar as contas!

Em breve chegaram ao moinho. O rapaz deu uma cabeçada na parede e uma porta abriu-se. Entrou de repelão apanhando pela proa quatro guardas que faziam a sentinela. O detective deu um murro num, fez engulir

a metralhadora a outro e aos outros dois nem lhes tocou porque já tinham desmaiado.

Entretanto as forças motorizadas deram o ar da sua graça atirando os tetos a baixo.

Bico d'Águia meteu-se num pequeno elevador que encontrou. Um homem dormia.

— Acorda lá, ó palerma!

— Para que andar?—disse o outro, assustado.

— Para o terceiro! secção de vendas a retalho!

— Mas oiça lá: julga que isto é o Grandela?

O detective deu-lhe um pontapé nas tíbias e carregou no botão.

Lá em cima correu por um corredor até um gabinete onde possivelmente seria o escritório de Centopeia.

Contudo, o gabinete estava vazio. Bico d'Águia procurou na gaveta, no cesto dos papéis, no tinteiro e no mata-borrão, mas o temível bandido não estava lá.

Quando ia sair, Centopeia estava à sua frente.

— Olá!...—disse sarcástico o detective.

— Agora não posso atender, passe por cá logo...

Mas não teve tempo de acabar porque o rapaz enfiou-lhe pela boca um frasco de goma arábica.

(Continua)

A RÃ ENCANTADA

— (UMA HISTÓRIA DE FADAS) —

A mulher estava a passar uns dias em casa da «mamã» e o nosso amigo Balbino andava triste como a noite. Faziam-lhe falta as descomposturas, as queixas do costume e aquela casa vasia, tinha um ar de abandono que afligia.

Para se distrair, foi passear ao campo. Ao passar junto dum pequeno charco, ouviu uma voz muito débil a chamá-lo:

— Balbino! Socorro! Olha!!...

O Balbino olhou e o que viu fez-lhe arregalar os olhos. Uma rã, deitava a cabeceira de fóra e implorava num tom choroso, que metia dó.

— Leva-me contigo! Sou uma princesa encantada e só poderei salvar-me, se um homem valoroso como tu, me levar daqui...

O Balbino, embora, não acreditando em princesas encantadas, fez a vontade à rã e levou-a no bolso.

Ao chegar a casa colocou-a sobre a mesa e comeu uma lata de conservas, que foi aumentar o monte de latas e loiça suja, que já havia na cosinha, à espera do regresso da esposa.

Quando se dirigia para o quarto, reparou na rã e disse-lhe agreste:

— Afinal intrujaste-me. Dizias que te quebrava o encanto se te trouxesse e afinal... estás na mesma...

— Pois estou, porque tu ainda não fizeste ainda não fizeste o necessário...

— Ein?... Afinal o que é?

— Para que eu me transforme numa mulher, precisas meter-me na tua cama... Fazes isso Balbinozinho?...

Ele ainda vacilou, mas como estava sozinho em casa, agarrou na rã e colocou-a entre os lençóis.

E como sucede nas histó-

rias de fadas, ouviu-se um estrondo, fez-se uma tumarada e a rã transformou-se numa formosíssima rapariga, daquelas a que apetece dar dois assobios repenicados...

Nisto abre-se a porta e aparece a mulher do Balbino, que resolvera fazer uma surpresa ao marido.

O Balbino ficou radiante, como é natural, contou esta mesma história à esposa, mas, imaginem, que ela não acreditou...

Sempre há mulheres muito desconfiadas...

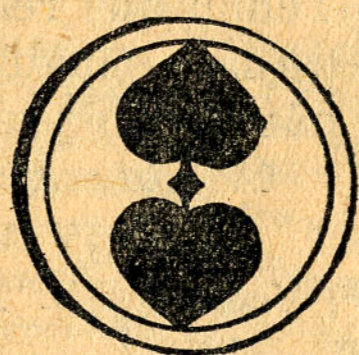
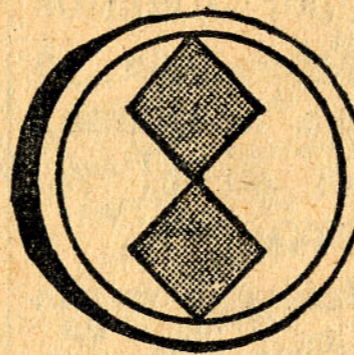
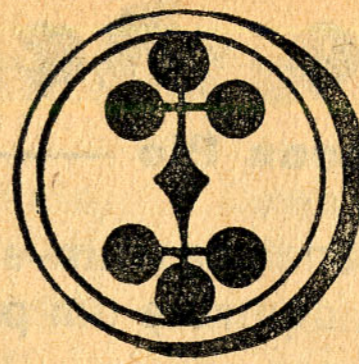
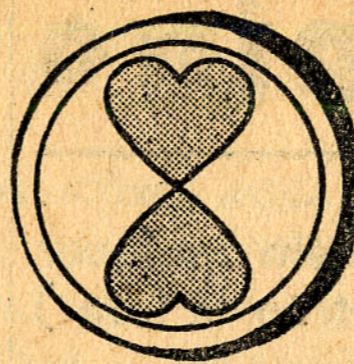
T. T.

Que malandrice!

— Imagina tu que me disseram que o Gervásio estava gravemente doente!

— E então?

— Corri logo a casa dele e o grande malandro estava são como um pero!...



Um brinde aos nossos leitores... para jogarem à bisca.

Conversando...

— Gostava de ter a certeza que o seu amor é sincero — disse-lhe ela dramaticamente.

— Eu morreria por si — juntou ele melodramaticamente.

— Não acredite! — retorquiu ela plàcidamente.

Então, ele subiu a um 6.º andar e atirou-se para a rua morrendo... estúpida-mente!

LUZ NEGRA

(POESIA MODERNISTA
EM VERSO BRANCO)

SOU INVISIVEL

O RISO
Made in América

— Continuas noivo da Susan?

— Não!

Admirável. Nunca julguei que te livrasses tão rapidamente daquele compromisso!

— Foi fácil, meu caro... casei-me com ela o mês passado.

Ela — John, querido, eu nunca fui beijada por um estranho!

Ele — Minha senhora, o nome não é John!

Professor — Pois, o resultado do problema é: x igual a zero!

Aluno — O quê!... todo este palavreado para nada?!

Ele — Não fiz!

Ela — Fizeste!

Ele — Um momento que estamos nós discutindo?

— A minha última filha solteira casou-se hoje!

— Quem foi o felizardo?

— Fui eu!

A mamã — Zéquinha, porque não beijas a tua nova ama?

Zéquinha — Não me atrevo, mamã! O papá beijou-a ontem e ela esbofetou-o.

— Você usa pasta dentífrica?

— Não, não, uso produtos de beleza.

Compre, leia
e divulgue

RISO MUNDIAL

Oiça hoje às 21 horas e 5 minutos a nossa 2.ª Emissão em Rádio Graça

CARTAS AO DIRECTOR

Senhor Director:

Dá-se o caso que eu vivo com minha mulher e meus filhitos numa casa do bairro da Lapa, cujo aluguer pago religiosamente e quando começa o verão, e se faz sentir o calor, é difficilimo entrar e sair pela porta porque os porteiros e os amigos dos porteiros se sentam ali a tomar o fresco dificultando a passagem.

Mas isso não é o pior! O pior é que, desde há uns dias, além dos porteiros e dos amigos dos porteiros há também um cavallo que se põe a tomar o fresco no portal.

Eu compreendo, senhor Director, que os cavalos também têm direito a ter calor nestes dias, mas é que o cavallo está sempre completamente nú e não me parece nada correcto que minha esposa e meus filhos o vejam assim!

Não haverá maneira de evitar isto? Aparte a questão moral há a dificuldade de passarmos e o perigo de que qualquer dia o cavallo nos dê uma patada.

Não se poderia arranjar um jardim ou uma praça, como há nos outros países civilizados, para que os cavalos fumassem ao fresco e jogassem durante o verão? Ou não haveria maneira de cobri-los com uma manta para não termos de presenciar o espectáculo da sua nudez!

Sou muito agradecido

M. M.

Senhor Director:

Dá-se o caso que eu sou um honrado cavallo que vive no bairro da Lapa, cujo aluguer pago religiosamente e, é o caso, também que, quando



O JUIZ: — Porque roubou o relógio?
O REU: — Perdão, eu apenas deitei a mão à corrente e não tenho culpa que viesse o relógio pegado.

termino o meu trabalho com a carroça gosto de me por ao fresco e sair a tomar um pouco de ar à porta e ouvir o que dizem os porteiros e os amigos dos porteiros.

Com isto julgo não os molestar nada visto nunca me meter nas suas conversas.

Pois bem, senhor Director, desde há um tempo que um senhor que vive no mesmo prédio em companhia de sua mulher e uns meninos repugnantes, cada vez que saiem, além de me deitarem a lingua de fora e mirar-me com certo desprezo, me dão puxões e patadas nos costados e nas pernas dizendo, entre dentes, que se vão queixar de mim.

Então os cavalos uão tem direito a estar onde lhes apetece? Sei muito bem que nos outros países os cavalos até tem parques infantis e ninguém se mete com eles. Porque podem os gatos e os cães subir os ascensores e um cavallo não?!

A única coisa que lhe digo, senhor Director, é que se esse senhor e esses meninos continuam a dar-me patadas nas pernas eu dou-lhes mas é uma bofetada na cara!

Sou muito reconhecido

LUCERO

(Tradução e adaptação da "Codorniz")

Vamos falar de Beleza

Sim, vamos falar de beleza! O que é a beleza? Sim, a beleza o que será! Ai, a beleza... que faz suspirar o homem e a mulher! Mas nós vamos falar de beleza, dizer até, aquilo que ninguém ainda disse. Suponhamos que a beleza... ora a beleza, sim que a beleza é... é a beleza, pronto!

N. R. — Quereis saber o que é a beleza?... E' questão de procurar no dicionário, letra «b»; se não encontrar dirija-se a qualquer casa comercial, ou telefone para 21689, onde o sr. «Castanho» lhe dará todas as explicações.



— Acuda-me, que o seu cão vai morder-me?
— Não se assuste, minha senhora! Esse maldito só gosta de carne tenra.

NÃO HÁ...

(com música do «Lá vai disto»)

Nos Bancos não há dinheiro trocado, para ninguém...
Não há carros para a Estrela Poço do Bispo e Belém!
Não há vaga no barbeiro nem casas para alugar e não há massa que chegue para o corpo enfarpelar!
Não há já croas que cheguem p'ra uma telefonadela
Não falta muito que não se ande na rua à vela!
Não há lugares no cinema, no teatro e Coliseu
Não há vagas nos empregos não faz mal andar ao léu.
Não há vergonha nas praias nem decência pelas ruas não há poucas que gostavam de andar totalmente nuas!
Não deixa de haver à noite uma grande barulhada e em todo o resto do dia muita gente malcriada!
Não há vinho mais barato, nem há manteiga nem queijo com fartura. Também não há a ponte sobre o Tejo!
Não há taxis que andem um pouco mais devagar nem tipos particulares que não queiram 'armar!
E não há nem nunca houve, nem espero que possa haver estas coisas, tão depressa para o Zé, satisfazer!

INSCREVA-SE NO

“CLUBE DOS HUMORISTAS”

TOBIAS, O ANÃO

O Tobias era anão. Um anão sem sorte a quem tudo corria mal. Tão mal, tão mal, que um dia morreu.

E teria ficado para ali, sozinho, na miserável mansarda em que vivia, se o Eleutério, seu companheiro na desgraça se não lembrasse de ir passar um bocado da noite a velar o cadáver. Realmente cortava o coração um tal abandono e o Eleutério, que lhe devia alguns favores, encheu-se de remorsos e lá foi. Chegou à porta da casa onde tantas vezes o acompanhara em vida, às vezes bastante "torto" e perguntou à mulherzinha que lhe apareceu: — Sabe-me dizer se é aqui que vive um rapaz chamado Tobias...

— Ah... O anão? Não... agora não vive... porque morreu... O corpo está ainda lá em cima. E' amigo dele? — Sou... sou... respondeu o Eleutério, num profundo suspiro.

— Então, se vai lá acima acompanhar o corpo não se esqueça de fechar a porta quando entrar... E quando sair ficá-la bem fechada... Ouviu?

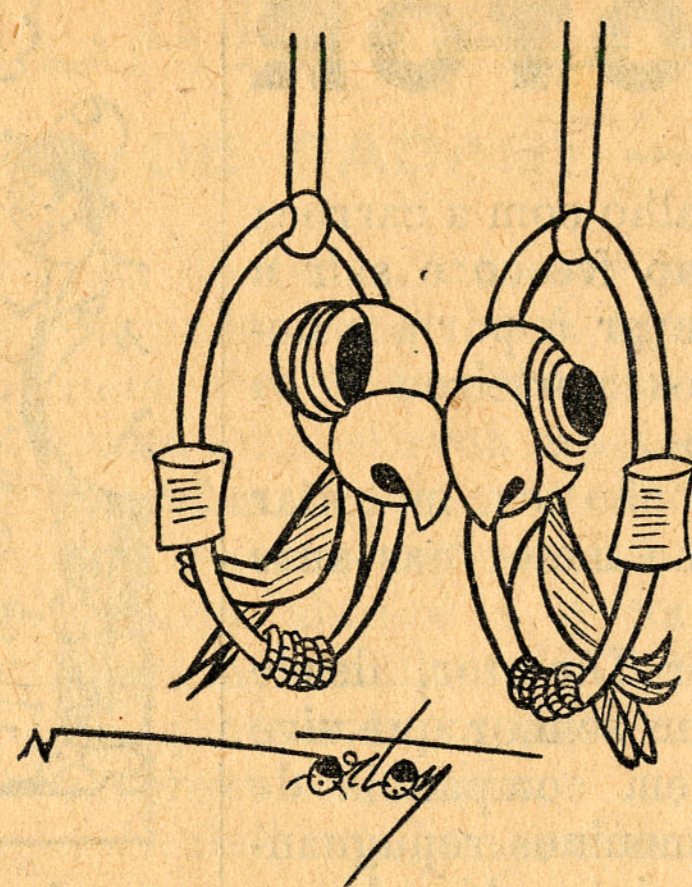
O Eleutério disse que sim, desconfiado com tanta recomendação e lá foi, pela escada acima, até junto do amigo.

Passado um bocado desceu e ao passar novamente pelo cubículo da porteira, esta perguntou-lhe ferozmente: Fechou bem a porta?

— Fechei... fechei... Mas, diga-me uma coisa... Porque é que está com esse cuidado todo? O Tobias não foge, coitadinho...

— Não é por isso. E' que o maldito do gato já m'ô trouxe para a cosinha por três vezes...

T. T.



— É pá, estou com uma dor de dentes horrível!
— Cala a boca! Isso é uma anedota já muito conhecida...

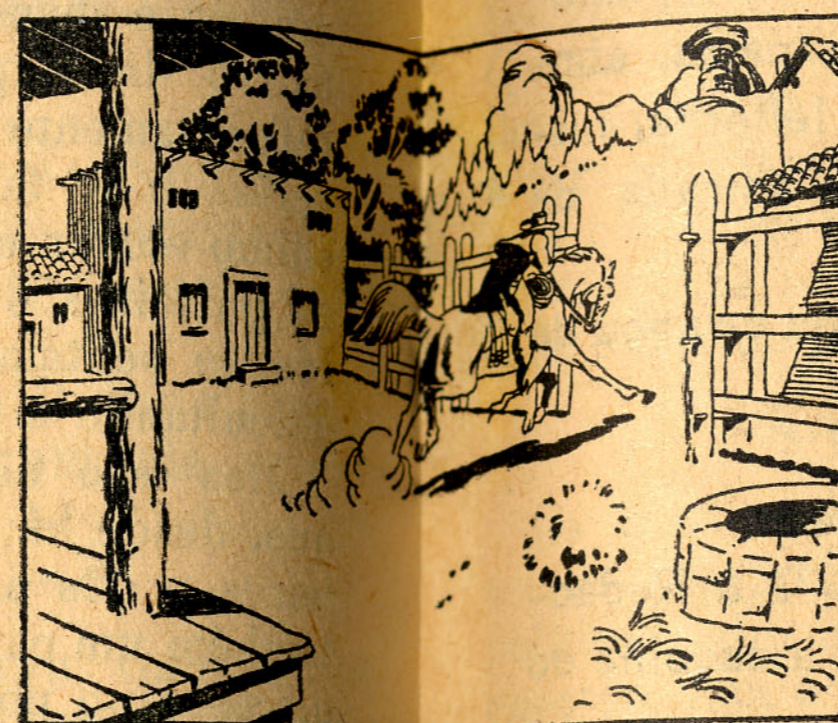
POESIA MITOLOGICA

Por TÓNIO BÔTÔ
(do livro a publicar «Estou rouco»)

Deus Baco,
foi-se-me o tabaco
e não posso
fumar!
mas eu não como,
nem bebo
nem fumo,
nem posso
chorar!
Ai, como tenho a alma
amargurada!
Se eu fosse Vulcano
(Vulcano & Colares)
mas eu não sou nada
nem Morfeu
nem Zebedeu
nem Coliseu
— já estou a soluçar —
só o que é meu
é meu.
Roubei um convite
para jantar.
Mas já não tenho
apetite
p'ra mastigar!
Falta-me o quê?
— não sei!
Talvez a inspiração!
Sou um poeta
descaído
e já só tenho a fama
de vate
prevertido.
Ai, musa, musa!
eu não queao musa
porque sou luso.
Ai, Vénus, Vénus,
se houvesse um muso...
Esquece-te de mim
oh, alma impia
oh, deuses
do Olímp... ia!...

O RAPTO, DA MEIA NOITE

Por SANTOS FERNANDO



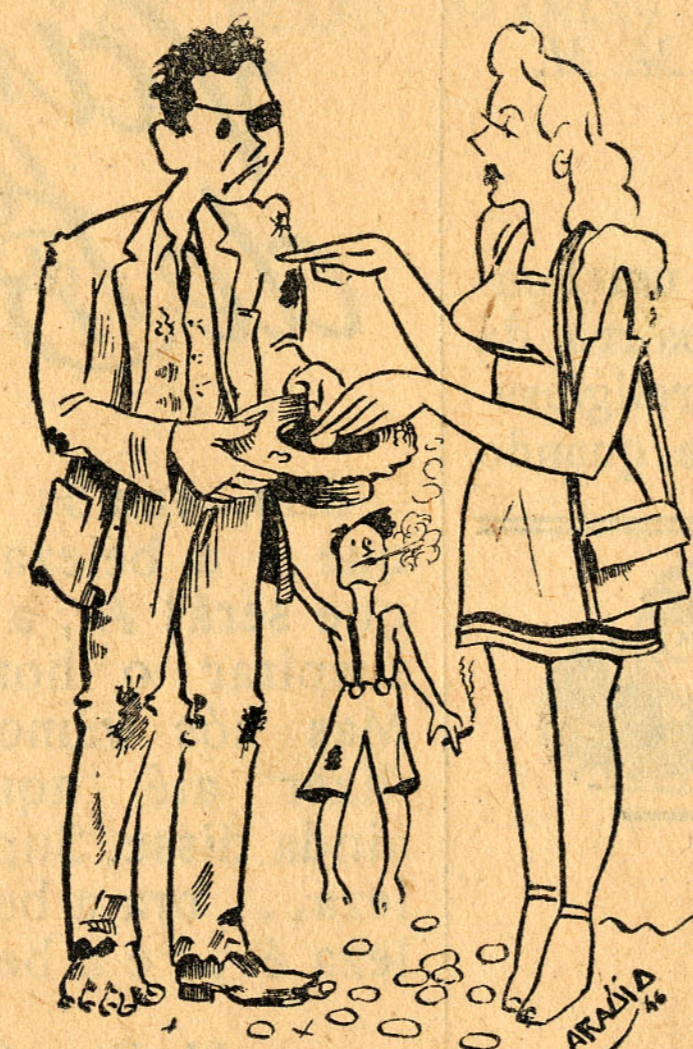
ISTO aconteceu ao Lucas como poderia ter acontecido ao Quicas ou ao Cacas.

O Lucas é um daqueles fulanos por quem a sorte passa de largo deitando a língua de fora. Tão distraído como um salmonete, ele tem a monomania dos «cow-boys».

Mas, como ia dizendo, isto aconteceu ao Lucas.

Já farto de sofrer desilusões no negócio e no amor — no negócio dedicara-se à venda dum calçada «muito bom» e queimara os pés a 400 pessoas; no amor perdera 400 mulheres que lhe queimaram as notas! — fez uma pequena viagem de recreio. Ao voltar pensou mais a sério no amor e resolveu casar.

Estava farto de gargarejar para quintos andares e para caves sem encontrar, realmente, a mulher que lhe servia — umas porque estavam altas de mais (no 5.º andar); outras por estarem baixas de mais (na cave). Aquelas que encontrava à mesma altura, isto é, com-



— Olhe que este dinheiro é para comprar uma sopa, ouviu?
— Pois sim, mas é que eu hoje já tenho bifes para o jantar...

patíveis com o seu metro e sessenta, eram daquelas que só o beijavam a troco dum casaco de peles.

O infeliz Lucas, achou, pois, uma noite, a mulher que havia de fazer a sua felicidade: chamava-se Esperança e era esverdeada. Magra, estilo chapéu de chuva, com uns caracóis muito pires, seria horrivelmente feia se a confrontar a tantos contras-

seu pai não possuísse cinco mil contos em prédios, em mercearias, em leitarias, em vacarias, em bois, em carneiros, em camelos e em papéis de crédito.

Namoravam à sucapa porque o papá e a mamã não consentiam namoradelas. Mas, em breve, vieram a saber dos amores platónicos existentes entre a Esperança e o Lucas, ou melhor entre

AÍ VAI A RESPOSTA

Eduardo Melo Franco — A sua prosa tem graça! E' um pouco comprida a peça... que nos pregou. Talvez seja publicável com uns cortes... Pelo desenho que nos manda não sei se você sabe desenhá-lo ou não!... é que eu também sou capaz de fazer o que você fez e não pesco nada de desenho!

Luis Malheiro — O seu traço revela qualquer coisa... para o futuro (não lhe vou ler a sina na palma da mão!) Continue a fazer bonecos porque o Malheiro é daqueles que tem possibilidades.

António Amaro Amaral — Você é um grande ponto! Ainda não havíamos feito referência aos seus postais, quase ilustradoã, porque todos têm a sua vez! Nós cá o consideramos sócio do «CLUBE DOS HUMORIS-

o Lucas e a Esperança... mas que trapalhada!

Aquela «santa» disse que apanhá-lo e partir-lhe os ossos eram obra dum momento se ele não se pusesse a milhas. Não consentia — a mãe era dois biliões de vezes pior do que o pai — o namorado entre os dois.

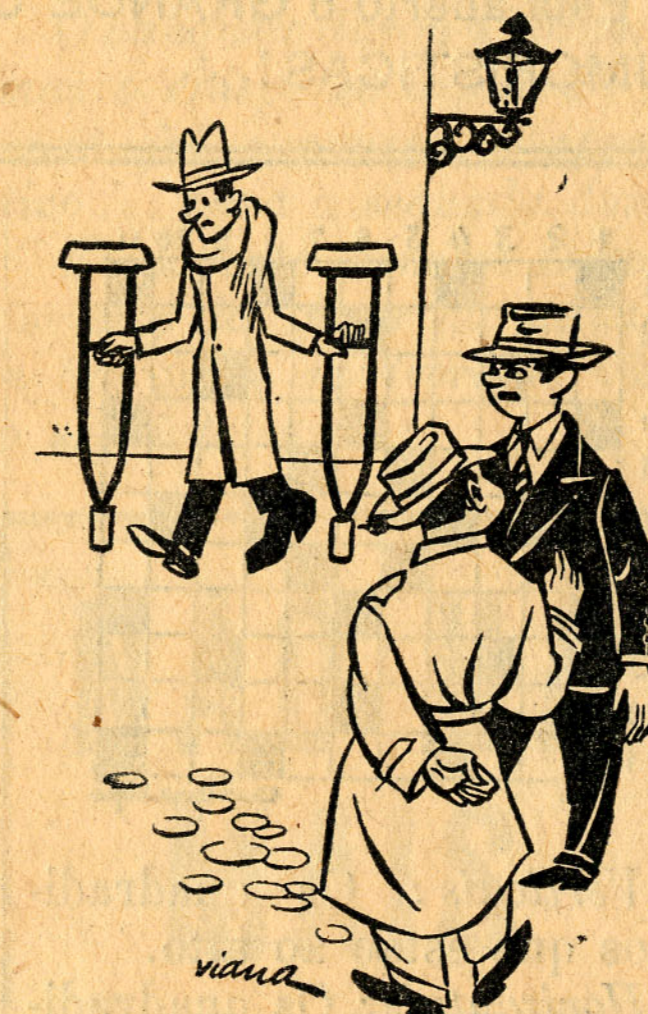
— Antes ver a minha filha casada com um cavalo! — disse enquanto partia a loiça toda.

O Lucas deixou de comer e de dormir e a Esperança passou a chorar de noite e dia enquanto, por sua vez, os bombeiros não descansavam com tantas inundações.

Ele esqueceu os cinco mil dele (do pai) e só a queria a ela, peso líquido. Ela, ao contrário, tanto fazia líquido ou bruto!

Mas, o Lucas, o homem que tinha a monomania dos «cow-boys» arranhou uma solução que iria materializar. Combinou com a sua mais que tudo — mais verde do que nunca — um rapto, à meia noite, a hora em que

(Continua na pág. 9)



— Que mania é a daquele tipo em andar assim com as muletas?
— Coitado, saiu hoje do manicómio e tem a mania de ser uma perna partida...

Um abraço para a Libória!

Máximas do RISO

Quere fazer as pazes com sua Ex.^{ma} Sogra?
Compre o RISO.

O RISO não se empresta, não se dá, não se aluga, nem se trespassa: vende-se.

Por dez tostões quem não se há-de rir... com o RISO?!

Um exemplar do RISO equivale a um bom jantar... espiritual!

A melhor arma para matar a tristeza e o tédio é o RISO!

Zola

Mais vale um RISO na mão, que duas «c'roas» a voar!

Era já noite cerrada. Diz o filho: O' minha mãe, debaixo daquela arcada, ai, lia-se o RISO bem!...

Casa onde não há o RISO, todos falam e ninguém tem juízo!

Maria da Graça é uma pequena de olhos em brasa. Ela bem diz que não ri... mas tem lá o RISO em casa!

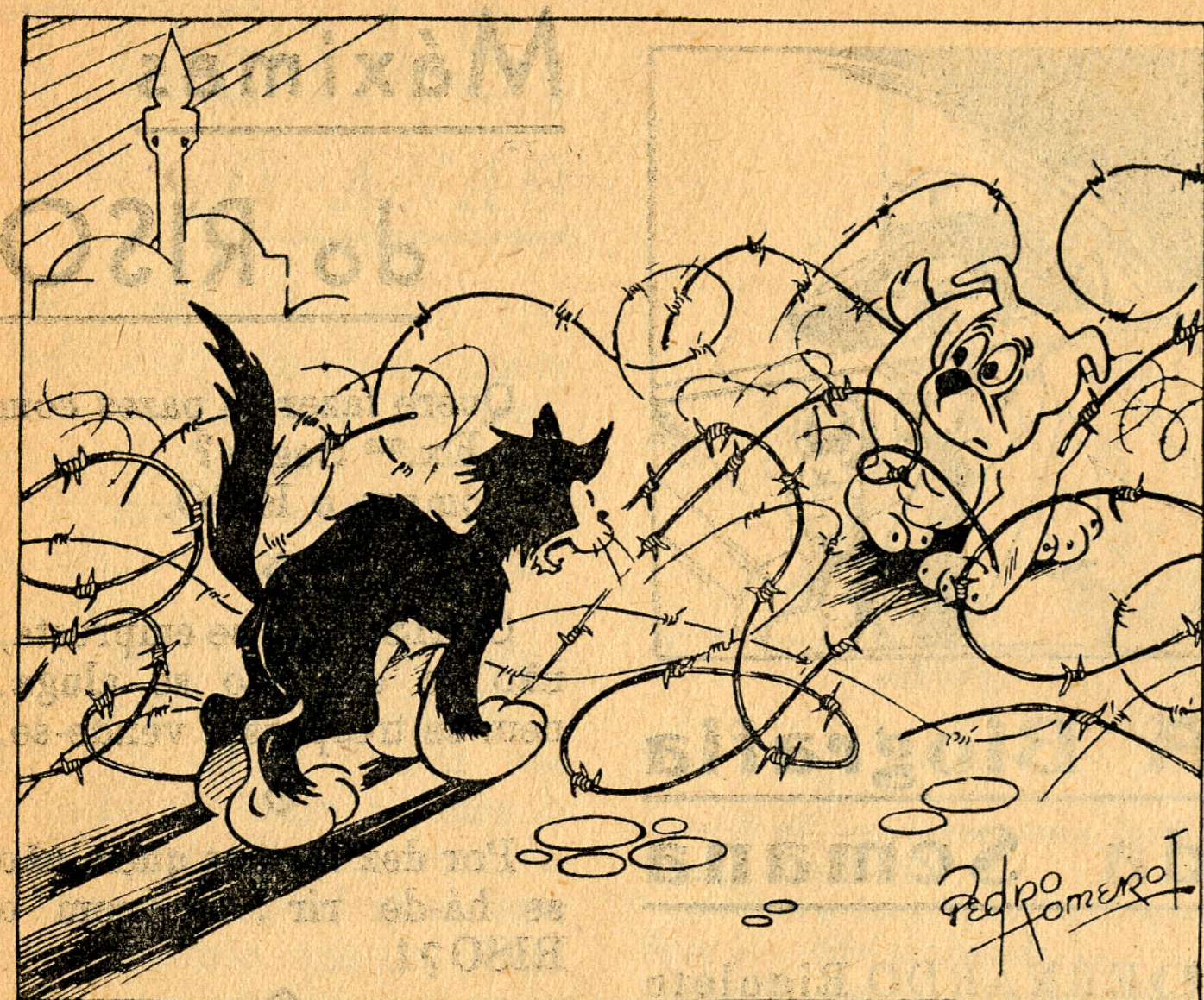
Rigoletto era vegetariano duas vezes por semana, mamífero outras duas e carnívoro outras tantas. Diziam que ao domingo nunca se alimentava.

Morreu ante ontem, dia 12, uma indigestão de chispe.

Que a terra lhe seja leve. As nossas sentidas condôlências e Saramago.

RIP

Viver, não custa!... Custa, é viver, sem ler o «RISO MUNDIAL»!



GRANDE CONCURSO DE QUADRAS HUMORISTICAS

O RISO, compenetrado dos seus deveres ee espalhar a alegria e o optimismo por toda a parte, abre hoje as suas colunas ao espirito dos leitores, iniciando um formidável concurso onde têm entrada de graça todos os engraçados de Portugal.

As condições são tão simples que até uma criança de colo compreende! Senão, vejamos:

- 1.º — Desarrincar uma quadra com laracha;
- 2.º — Escrevê-la num papelinho e enviá-la a Redacção do RISO, assinada ou com pseudónimo à escolha do freguês, e a morada do concorrente;
- 3.º — Esperar até que termine o Concurso, a ver se abichou algum prémio.

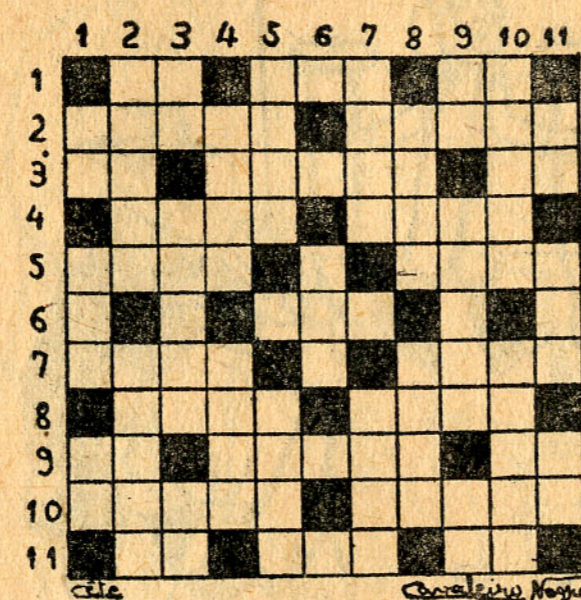
Como estão lendo, a coisa não é complicada. As quadras serão publicadas até 6 de Janeiro de 1948, exceptuando aquelas que não tiverem ponta por onde se lhes pegue; e após o praso indicado, um respeitável Juri dará o seu veto, classificando as três quadras mais reinadias, cujos prémios serão, respectivamente:

- 1.º — 500\$00.
- 2.º — 250\$00.
- 3.º — 150\$00.

Poetas e poetisas da nossa terra, mãos à obra! Enviem-nos um ar da sua graça.

É entrar, meus senhores, é entrar!...

Está aberto o GRANDE CONCURSO DE QUADRAS HUMORÍSTICAS!...



Verticais: Os quadrinhos que estão ao alto.

Horizontais: Os quadrinhos que estão ao baixo.

Peguem num dicionário e enviem-nos o problema, que nós... atiramo-lo para o cesto.

Esperteza

O PRESO. — Lá se foi o meu chapéu!... Posso correr para o apanhar?

O POLÍCIA. — Para ir e não voltar, não!? Você fica aqui e quem o vai apanhar sou eu.

Toda a correspondência para RISO MUNDIAL deve ser dirigida à Travessa de S. Pedro, 9 - Lisboa - Telefone 25893.

ENVIEM-NOS A LARACHA DA VOSSA TERRA

Então, hoje, a tua dona não saiu contigo, porquê?
Com aquela mania de ser artista de cinema, não há ninguém que a convença a entrar numa ane-dota...

CARTA ABERTA A UM CRÍTICO INSOLENTE

Senhor Director:

Que pena Dante morar na Rua das Trinas, e estar parafítico do dedo indicador! Ah! Se Dante pudesse apontar a radiosa fosforescência, que limita ao N. — árvores de framboesas, e rochas de madre-pérola, cobertas de exploradores festivos e ferroviários implumes, como todo o mundo veria, na improbidade dos detractores da Natureza, a adjacência impolítica do barro amarelo e nù!

Primeiramente, senhor Director, com licença! Como deve calcular, venho defender-me, nas suas colunas, das calúnias venenosas do senhor Leão Raspar Limões. O cavalheiro sempre me saiu um grande "pecêgo"! Dava-lhe 2 castanhas a mais, quando era meu freguês, e ele agora paga-me naquela moeda...

Ah! se não fosse por coisas, plagiava a emissão do "Riso Mundial": — Ó ti Ana! Ó ti Ana! Seu este!... Seu aquele!...

Que pena o meu dicionário de varina ter só duas páginas e meia!

Se soubesse sr. Director, o que estou a sentir pelo corpo acima, gritaria comigo:

!!!
!!!
!!!

Mas, não vale a pena maçar-me, porque a minha vingança será cruel, quando apanhar o sr. Raspar Limões no meu sítio. Aqui fica o aviso!

Depois vá-se queixar que eu lhe bati!...

Aceite os meus respeitosos cumprimentos

Sofia Valdez Solteira

PENSAMENTOS DO POLICARPO

Há uma certa diferença quando nos vemos numa fotografia ou ao espelho. Quando nos vemos ao espelho, podemos modificar a cara de parvo que temos, com um ar de superior inteligência; na fotografia, essa cara é irremediável.

Os irmãos siameses nasceram sempre com ideias políticas diametralmente opostas. Um é direitista e o outro esquerdista.

Houve em tempos um estabelecimento em que, quando alguém pedia café lhe davam mesmo café.

O que farão os manetas quando ouvirem gritar *Mãos ao ar!*

Em todos os tempos sempre deu um trabalhão enorme a procurar trabalho.

Ele era um homem que tinha tanto respeito a si próprio, que, quando se olhava ao espelho, tirava o chapéu.

Como farão no Polo Norte, onde os dias duram seis meses, para cumprir o horário de trabalho de sol a sol?

Há pessoas que são como as lojas de pouca importância. Põem na montra tudo quanto têm em casa.

Ter capacidade para ganhar dinheiro, que iguale a capacidade da mulher para gastá-lo. Eis o dilema do homem moderno.

Aquele cantor da rádio segurou a voz em cem contos. O que ninguém sabe é o que ele fez ao dinheiro.

O amor é pai do ciúme. O que é pena é que por vezes o filho sobreviva ao pai.

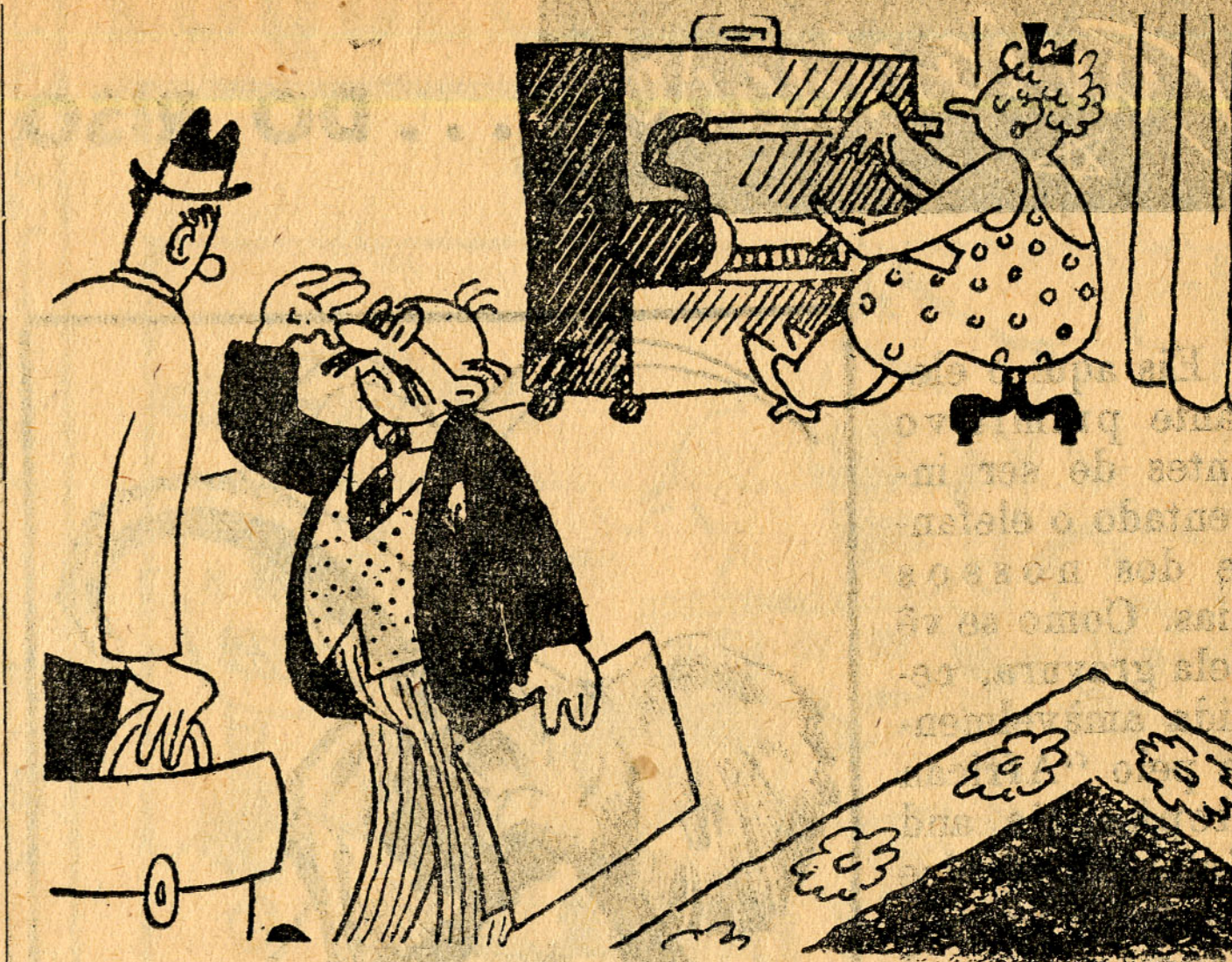
O NOSSO PRIMEIRO BANQUETE

Para comemorar a saída do n.º 13 do nosso semanário, reuniram-se no dia 7, depois da 1.ª emissão de "Riso Mundial" os seus dirigentes e alguns colaboradores que tomaram parte no programa radiofónico.

Esteve tudo muito animado... (ai o chispe!)... Contaram-se algumas anedotas picantes... (ai o vinho!)... Fizeram-se discursos em prosa e verso... (ai o chaurigo de carne!!!)... Houveram grandes «desarrincanços» para futuras surpresas... (ai o linguça!!!)... Houve muito apetite de parte a parte, em especial do... e mais do... e ainda do... (ai a morcela!!!!).

O banquete durou 4 horas... mas o chispe só durou 2! O resto foi conversa e aperitivo... para a segunda dose. Finalmente, o nosso Director teve de afixar na parede, a fim de se ver livre de nós, o seguinte edital:

NÃO HÁ MAIS CHISPE



— Eu sou o encarregado da casa que lhe vem fazer a mudança.
— Por onde quer que comece?
— Pode ser pelo piano!!!

O RAPTO DA MEIA NOITE

(Conclusão das págs. 6 e 7)

os grilos cantam, e o alfaiate não nos pede a conta...

Trataram de tudo, como nos romances em fascículos. O Lucas disse-lhe que subiria por uma corda e depois era só dar o pinote.

O nosso homem esteve 8 dias treinando no seu cavalo, vestido de «cow-boy» — como se vê na gravura acima — até se achar em forma.

E chegado o dia do rapto ele galopou, como se estivesse no «Far West», até à casa dela.

Subiu por uma corda, às escuras, entrou no quarto, às apalpadelas, foi direito à cama e, num instante, agarrou a sua querida que vibrou de contentamento. Tapou-lhe a boca, por causa da respiração, desceu com a Esperança e pulou para o cavalo. Só muito longe parou.

Então, ao olhar para o rosto da sua idolatrada morreu subitamente.

O Lucas havia raptado, por engano, a mãe da sua Esperança, aquela san... guessuga!

Concorra a ESQUELETOS

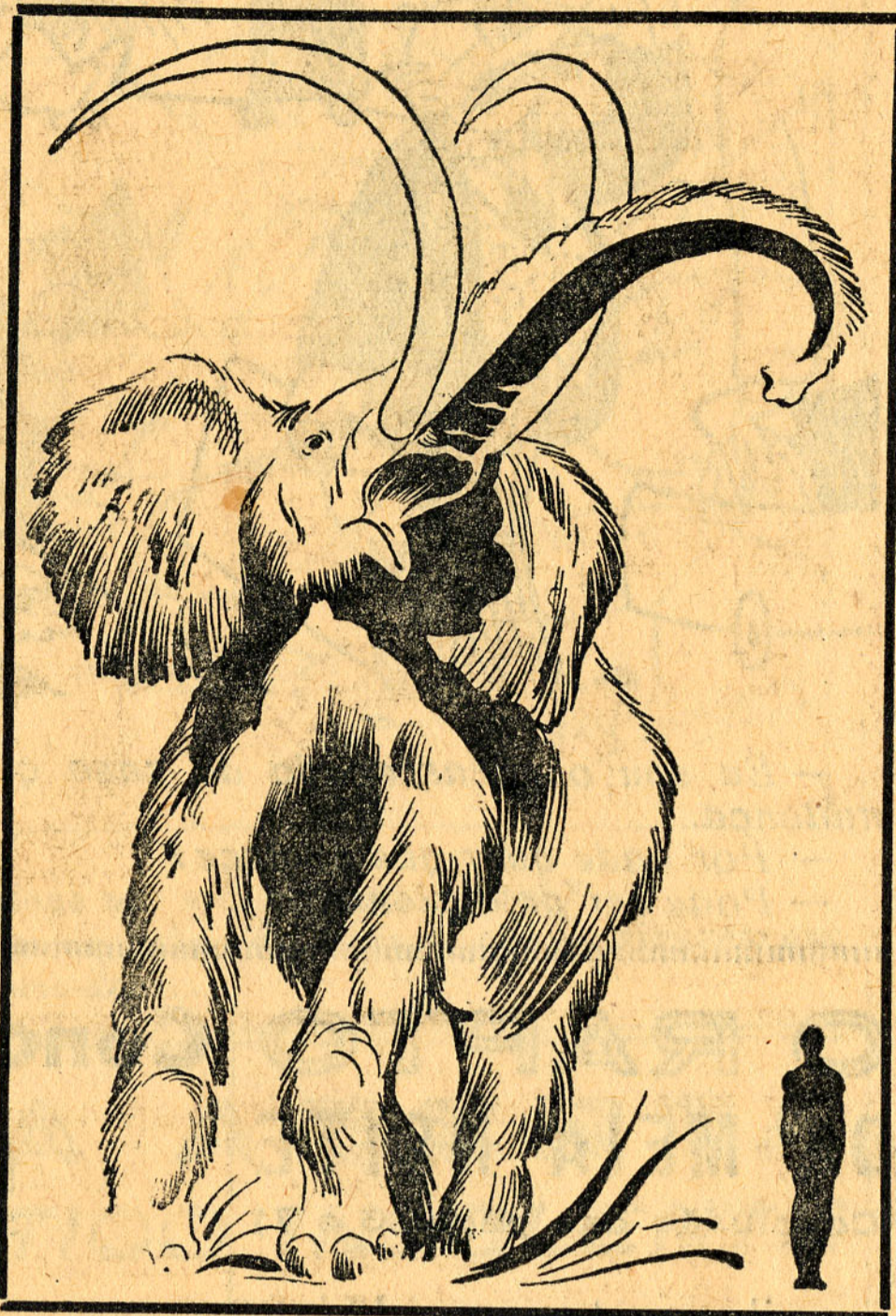
NO AR



Oiça hoje às 21 h. e cinco minutos o 2.º programa humorístico de "Riso Mundial" em Rádio Graça.

Curiosidades ... DO RISO

Eis aqui o elefante primitivo antes de ser inventado o elefante dos nossos dias. Como se vê pela gravura, cedida amavelmente pelo "African elephant's and Zoological service for every prople, dogs, cats and glow-warms" — este espécimen era um bicho muito grande, de barbas crescidas. A seu lado está, Luisi Tili Pipi, seu barbeiro particular momentos antes de atender o cliente, de cima duma palmeira.

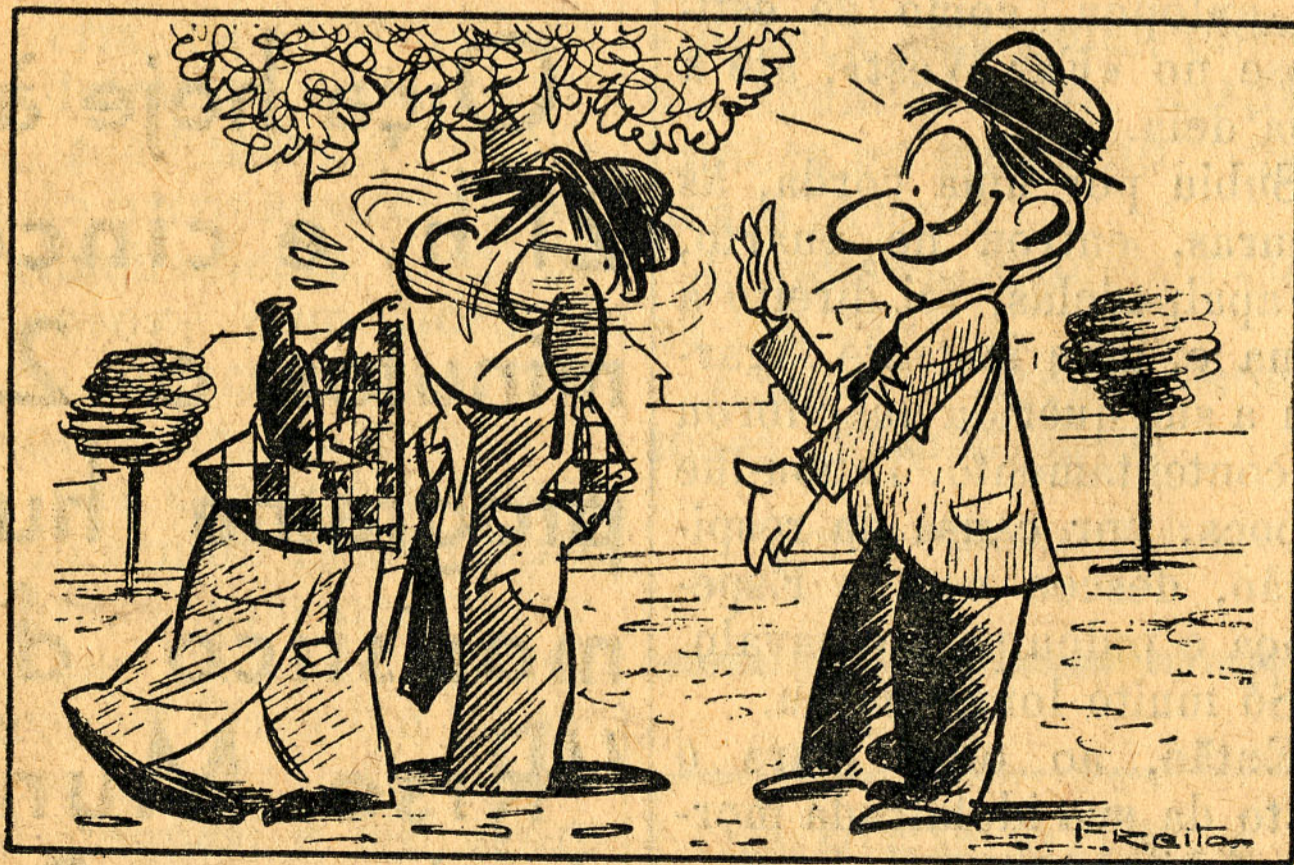


e simplesmente, à família das Formigas.

Consta que este *elefantóide* era da família dos Namuthes se bem que haja quem afirme tratar-se da família das Marmotas.

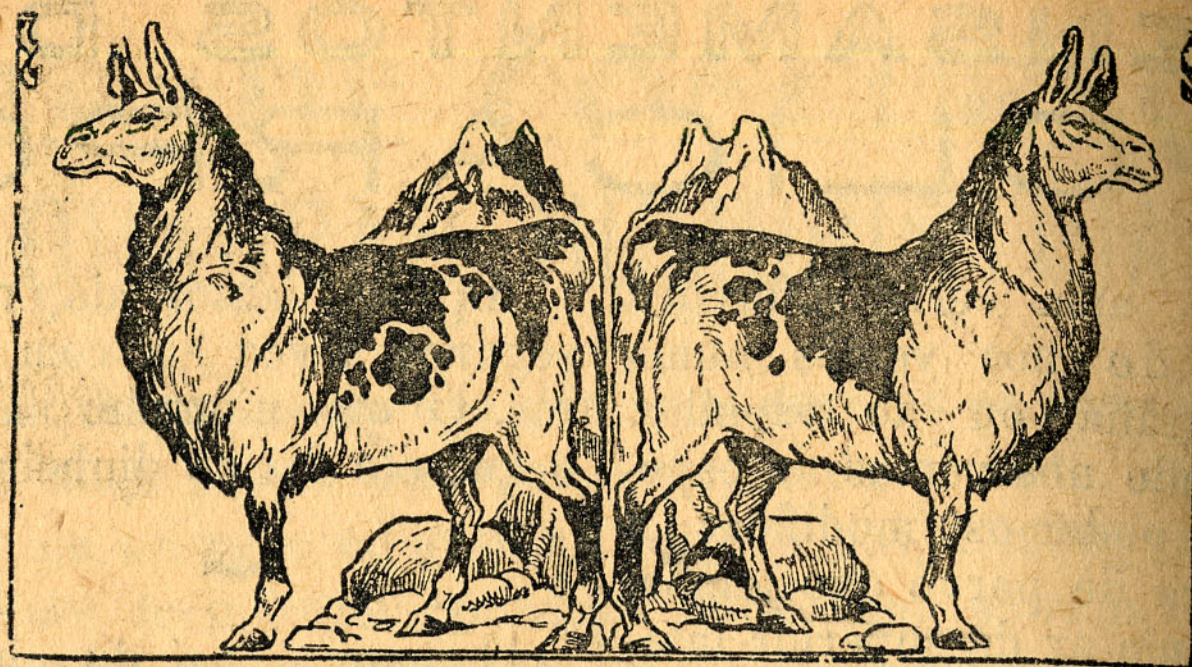
Todavia, por recentes dados biológicos e por intermédio de arquivos importantes, crê-se que pertence, pura

N. R. — Este exemplar encontra-se embalado no "African elephant's and Zoological service for every people, dogs, cats and glow-warms".



Se em vez de te teres metido no vinho, tivesses bebido a maravilhosa cerveja «McEWAN'S» estava fresquinho, e não andavas nesse estado.

McEWAN'S é a grande cerveja



Mr. John Johnson Johns, explorador americano, do século XIX, já farto de explorar os da sua raça foi explorar os pretos.

Andou pela selva durante muitos meses descobrindo no nono mês (é sempre no nono

mês que se descobrem as coisas!) estes dois exemplares raríssimos na nossa zoologia.

Trata-se de 2 irmãos siameses que nunca se separaram... nem com um balde de água fria.

GERAL... RESERVADA

Artur Duarte está realizando "O Leão da Estrela". Este filme, com toda a certeza vai sofrer muitos... "cortes"!...

Vasco Morgado vai surgir no filme "Geraldo Sem Pavor". Aparece-nos de barbas... para não ser reconhecido. Pode ser que passe!...

Na Emissora, estão a "bater" tanto na Clara, que, se continuarem assim, dão com a «Clara»... em castelo!

No dia 5 do próximo mês, estreia-se o "Grito na Noite". Andará João Perry a estudar canto?! E' que nessa noite...

Na América há o "Oscar" para o melhor actor. Porque não se arranja cá pelos nossos sitios distinção semelhante, mas para o pior? Podia ser... "Vasco".

Vai subir à cena no Apolo uma peça policial, sem "muros" nem tiros. O desfecho é inesperado... mas não o dizemos, porque o não sabemos.

Baptista Rosa fez o argumento para "Até à Volta", agora filme de fundo. Se volta ou não volta, são voltas que não nos interessa, mas... se voltar tanto como a "Volta" nunca mais deve voltar!

No "Fado" tudo se canta, Do "Fado" tudo se diz: Queira Deus que "aquela" [santa"... Do "Fado", o faça feliz!

No "Fado" tudo se canta, Do "Fado" tudo se diz: Com a corda na garganta, Já está alguém, por um triz!

ERRE PÊ & EFE ACÊ

RISÓ MUNDIAL

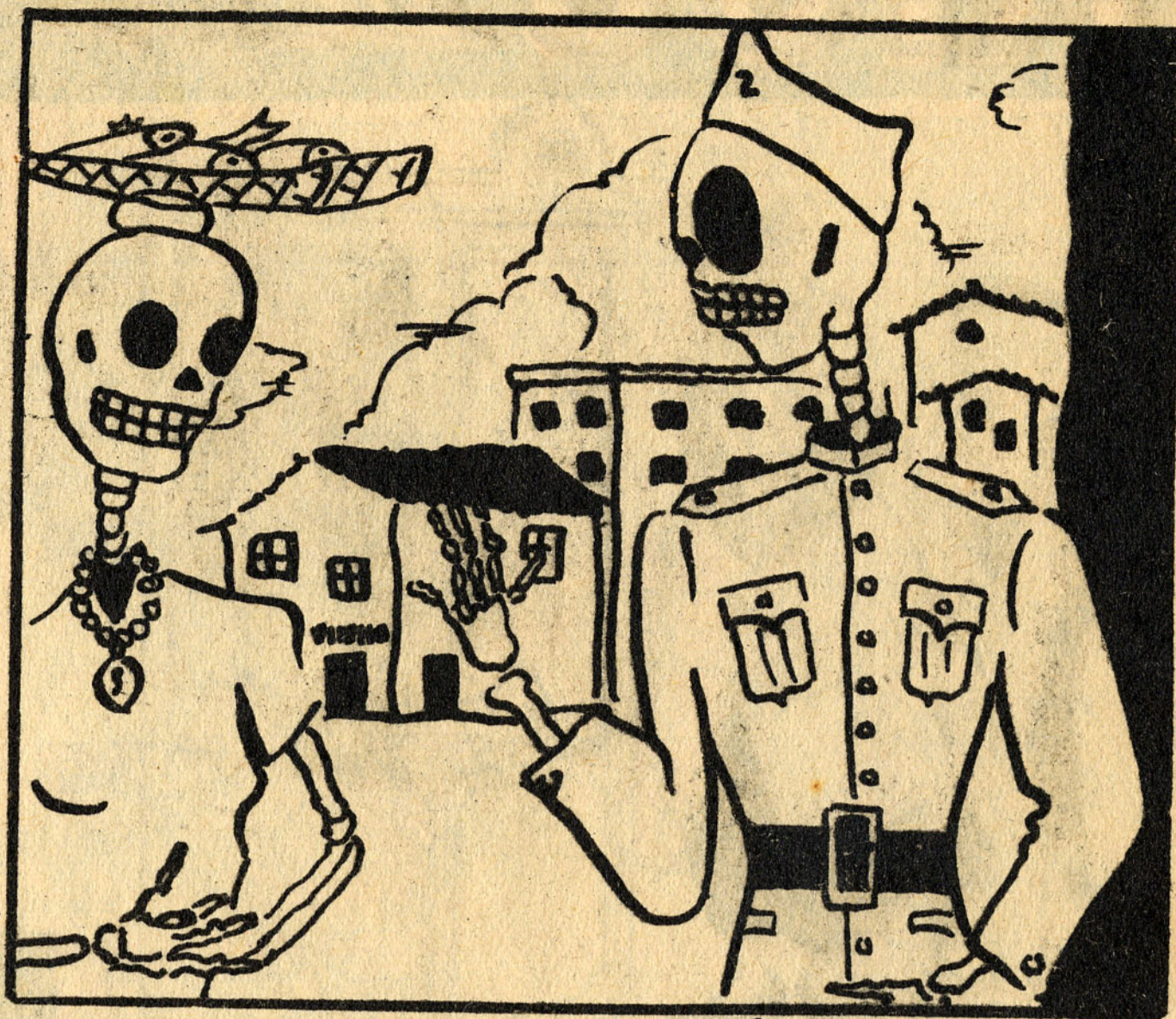
Redação e Administração (Provisórias): RUA DA MISERICÓRDIA, 14-LISBOA * Composição e impressão da SOCIEDADE TIPOGRAFICA PRIMOROSA, L.DA, Rua do Diário de Notícias, 132-Telefone 21689 * Distribuidores: AGÊNCIA ARGOS Rua da Assunção, 42, 2.º Telefone 20925 - LISBOA

Visado pela Comissão de Censura

CONCORRA AOS "ESQUELETOS NO AR"

ESQUELETOS NO AR

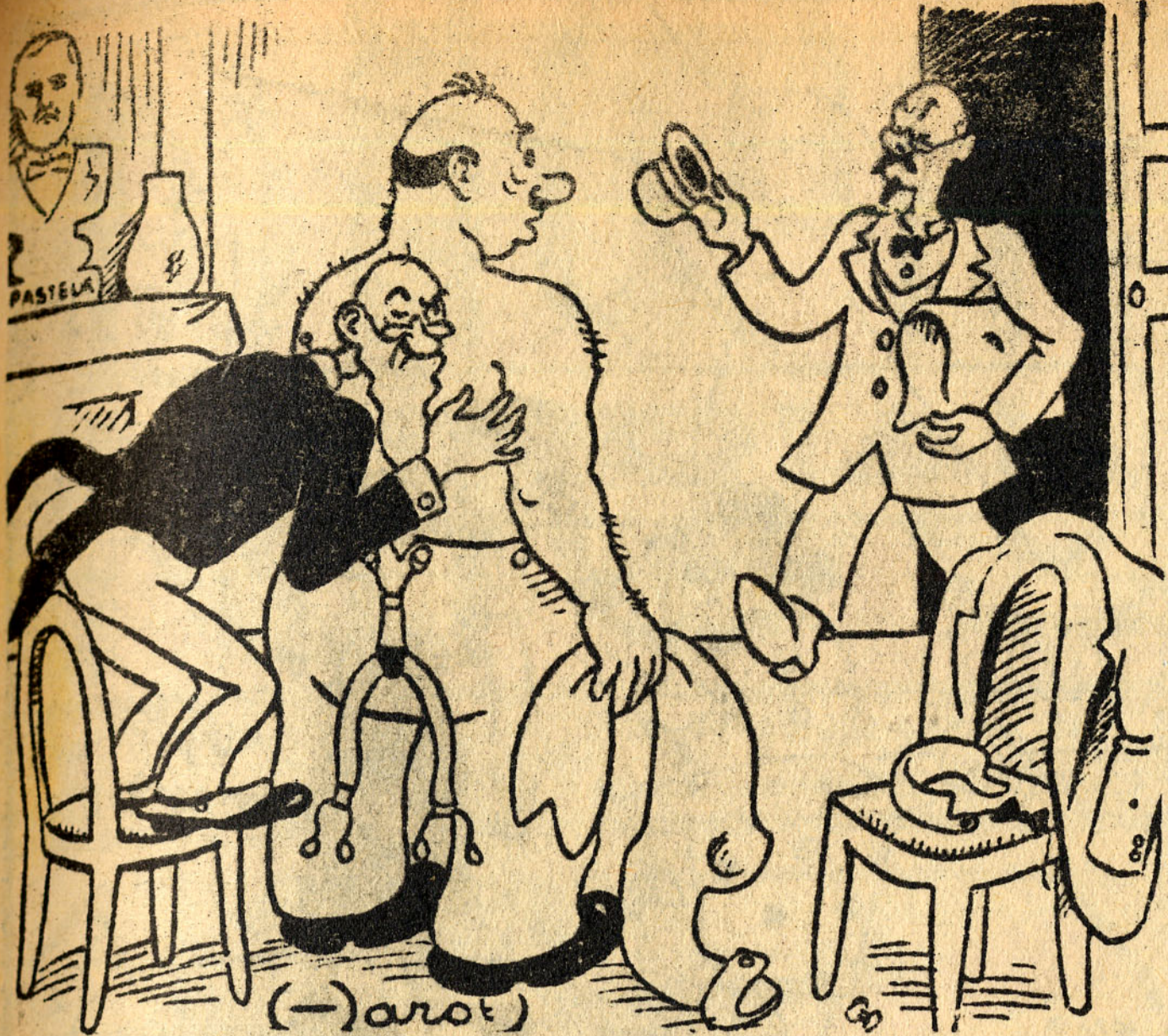
ESQUELETO V



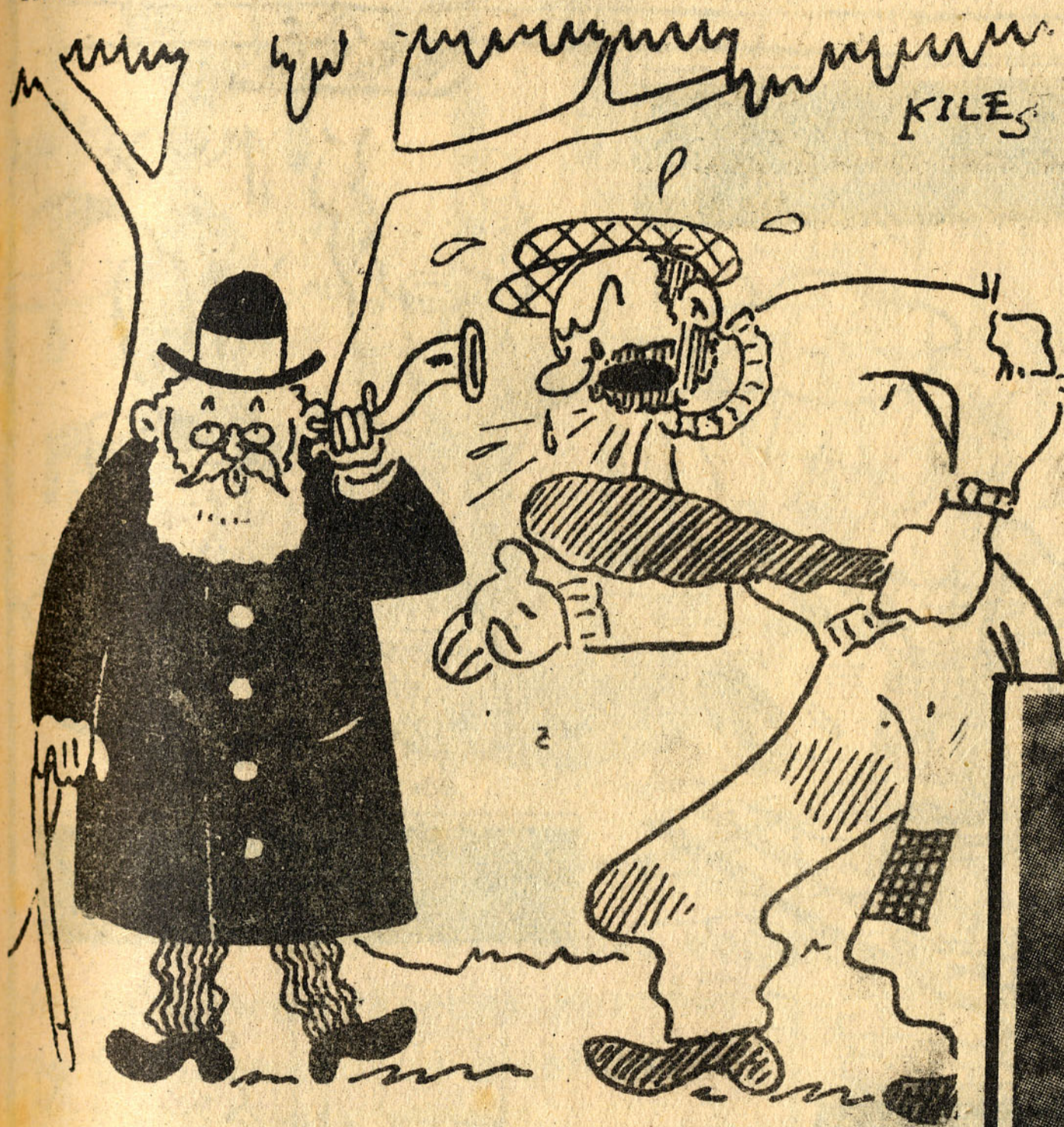
— Não posso! Tenho que ir para a «rancheta». Quem é?

Avisam-se todos os concorrentes de «Esqueletos no Ar»... que têm estado no ar por causa das cadernetas, que dentro de dias estarão à venda.

No próximo número anunciaremos o primeiro prémio e até lá aconselhamos os nossos leitores a terem calma e preparem o «esqueleto» para as nossas grandes surpresas!



— Deixe-se estar quietinho que aquele é o cobrador das finanças!



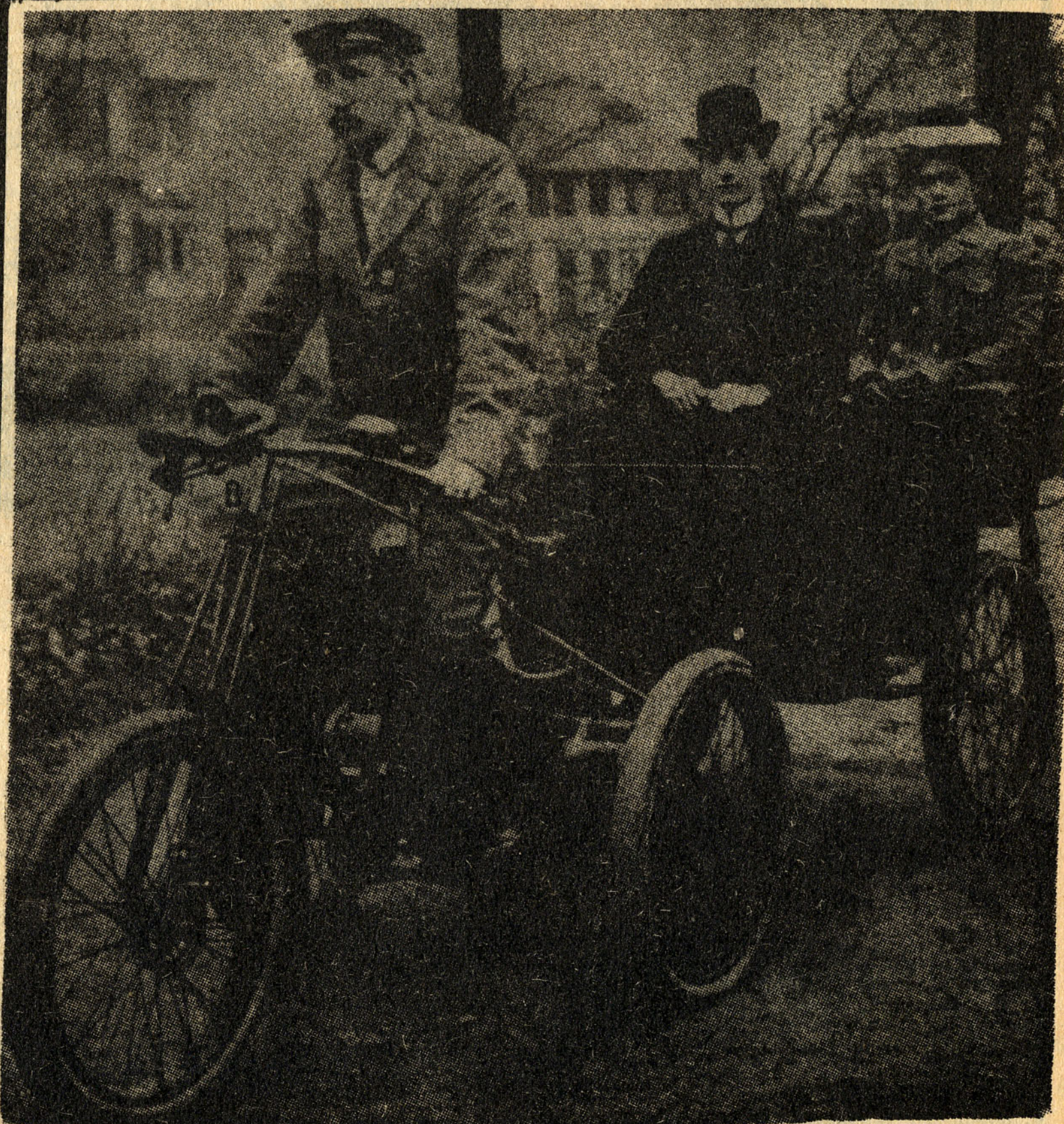
— Pela centésima vez!... a bolsa ou a vida?

DE PARABENS

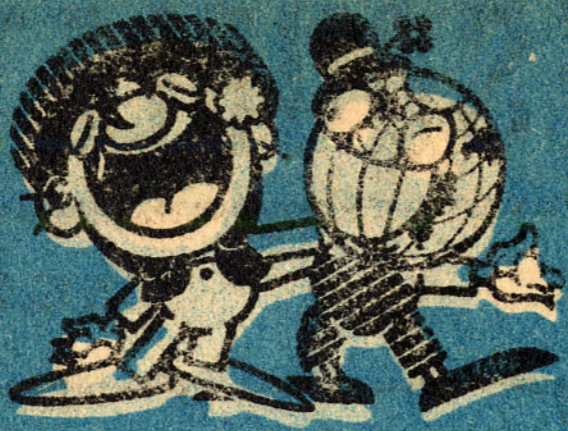
O êxito do nosso jornal excedeu todas as quimeras que havíamos sonhado. A massa tem affluído em tão grande abundância para as gavetas da Redacção que o nosso mui digno Director já comprou um chapéu de coco e um automovel dos mais recentes modelos aparecidos na capital.

Na gravura junta, os leitores, podem ve-lo ao lado de sua esposa num momento de diversão ao sol pesto!

Ao nosso prezado Director, que está de parabens, desejamos longa vida, bons pneus e Saramago.

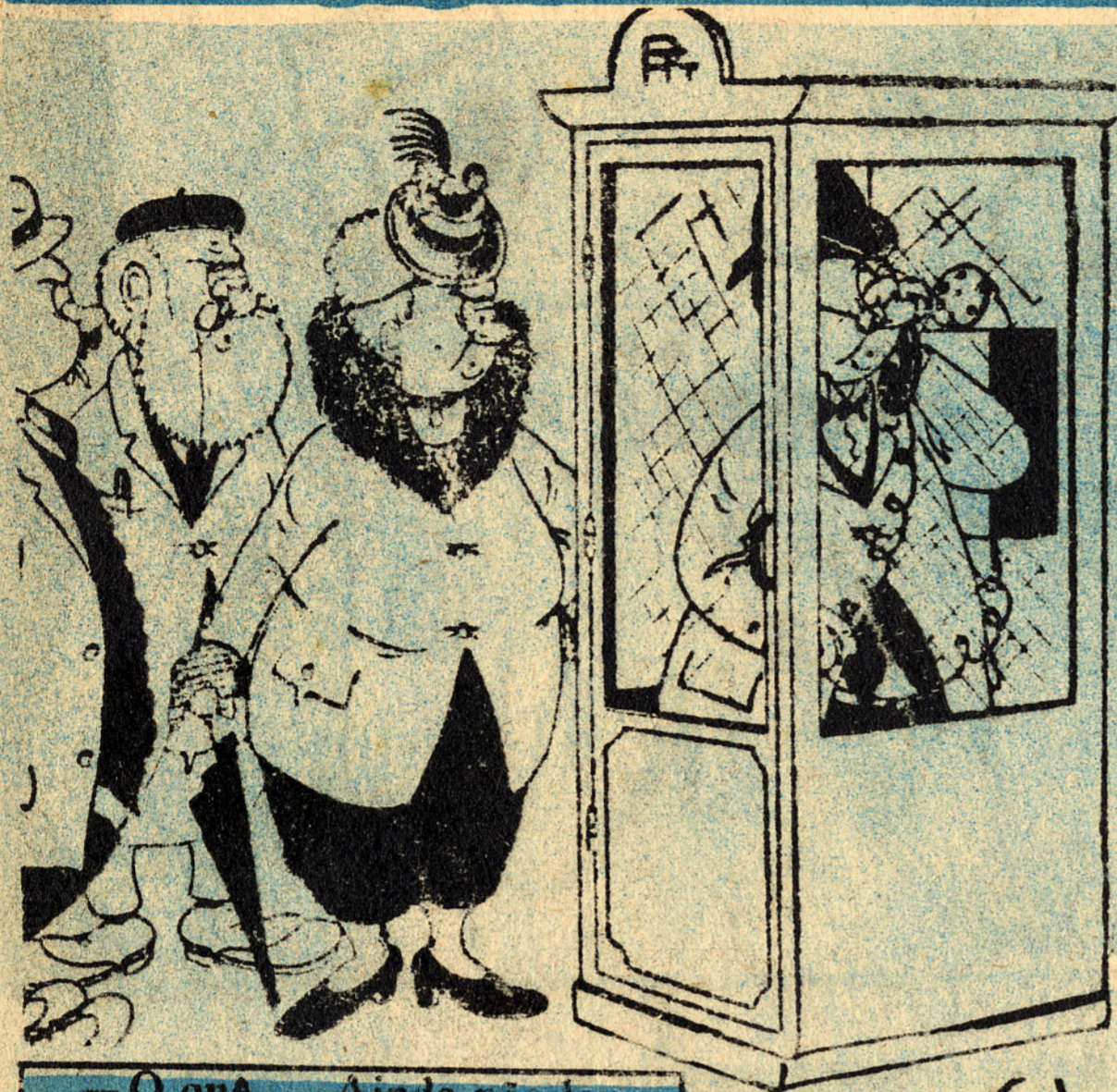


RISO MUNDIAL

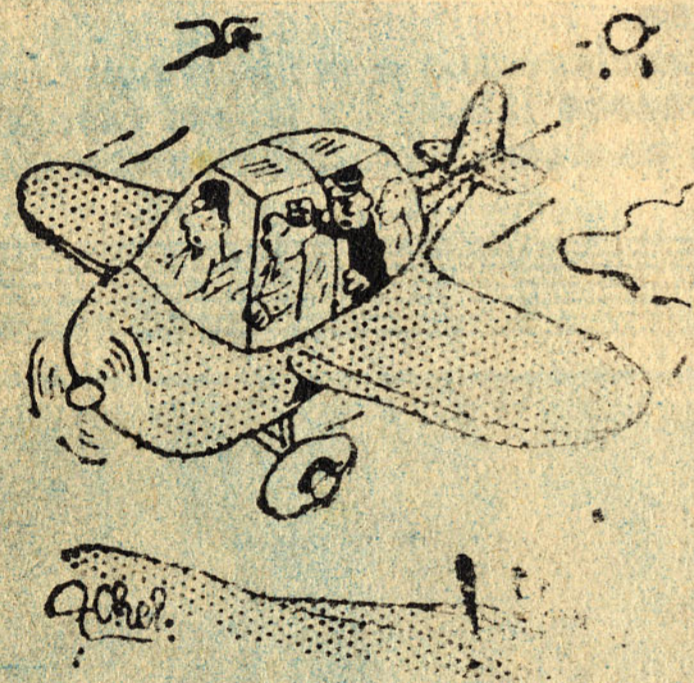


KILZ

— Bem, tia Rosa, já falámos dois minutos! Agora deixa-me cá levar esta barra de gelo...
(Do Cucu)



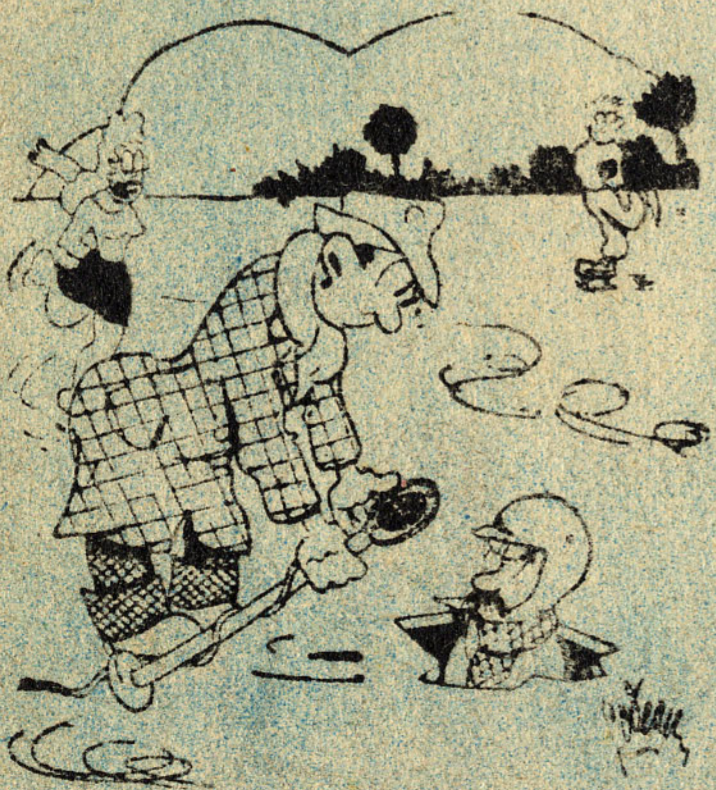
— O quê... Ainda não leu as Lusíadas? Se não se importa vou recitá-los para si.
(Do Ici Paris)



O condutor — O 129, para lá isso porque este cavalheiro não trás o dinheiro trocado.

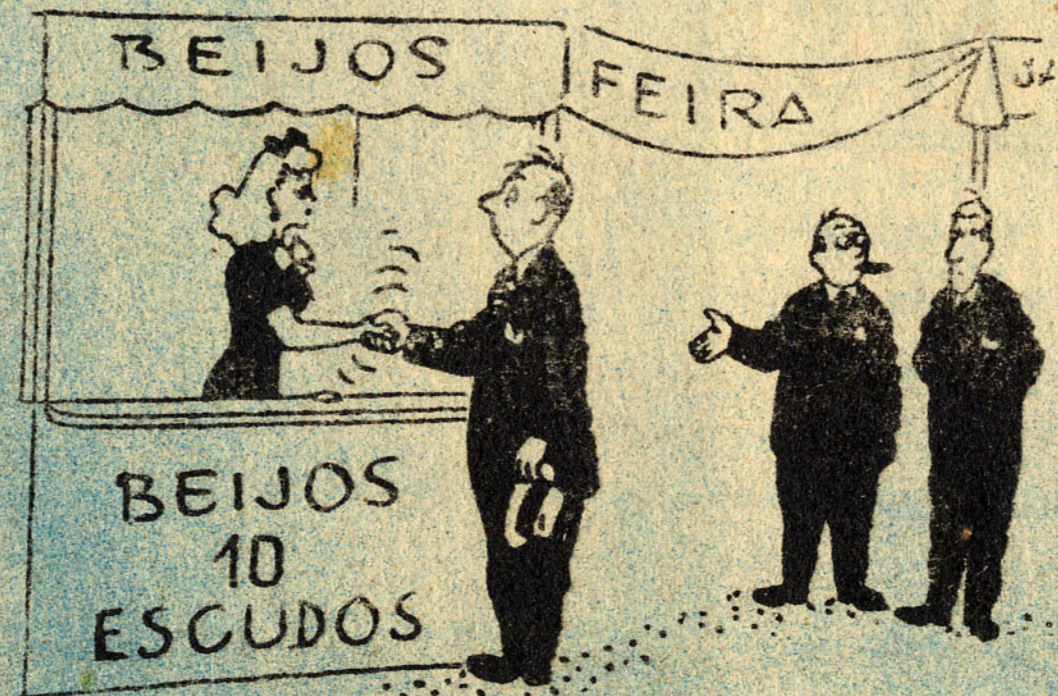


— Diabo; a minha mulher enganou-se! Meteu-me no cesto a camisa em vez da serpente.



— Depressa! Dê-nos as suas impressões sobre o desporto em patins!!!

— Mas eu porque? Por principio, são os mais gordos que devem ser comidos!
— Pois sim; mas o mais gordo é o boxeur!...



— Ele só tinha cinco escudos!...



No editor — Vinha cá que era para me mudar aquele parágrafo sobre a fragilidade das mulheres...